



# Gaiato

AVENÇA

Quinzenário \* 30 de Agosto de 1975 \* Ano XXXII — N.º 821 — Preço 2\$50

**Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes**

Fundador: Padre Américo \* Director: Padre Luiz

## Servir

As palavras vão perdendo o seu sentido autêntico e real para, em última análise, não sabermos o que significam na boca das pessoas. O mesmo se diga dos sentimentos e das virtudes humanas mais elementares, cujo conteúdo se adultera a cada passo, quando não se esvazia totalmente, ao sabor dos caprichos mais díspares e das conveniências e dos egoísmos oportunistas de cada qual. São constatações tristes e dolorosas, mas nem por isso menos verdadeiras.

Deixemos de lado a expressão liberdade, que se nos apresenta cobrindo o leque infinito da escravatura mais feroz até à licenciosidade de tudo poder fazer ou dizer. Falemos hoje do respeito pela palavra dada e pelos compromissos assumidos, da fidelidade e da vinculação às obrigações livremente contraídas de que o reclamado e sacrificado Povo tantos e salutares exemplos nos oferece, ele que é simples e pouco letrado, mas nos dá sempre claras e expressivas lições de honra e de dignidade, nos negócios e na vida comum, nas suas atitudes religiosas ou profanas.

Dizer uma coisa agora para logo dizer outra, comprometer-se aqui para se desvincular acolá, mesmo em esferas onde a verdade e a lealdade deveriam ser exemplares, é de toda a hora e de todos os lugares. Por isso o Povo não acredita nem poderá acreditar em auto-proclamados mestres, que tudo sabem ou julgam saber, mas desconhecem que as regras de convívio humano impõem o respeito pelos Outros, não procurando impingir-lhes gato por lebre nem fazer deles passivos recipientes de especulações mais ou menos interesseiras e inquinadas.

Ir ao encontro do Povo é uma obrigação imperiosa dos mais responsáveis. Mas ir supõe uma linguagem despida de quaisquer preconceitos, plena de verdade e de respeito. Dotar os meios populacionais dos requisitos indispensáveis a uma promoção cada vez maior, para que as pessoas possam ser cada vez mais livres e senhoras de si, é um dever; aprender com elas o que têm para nos dizer e exemplificar é uma necessidade; violentá-las nas suas consciências ou nos seus valores é tirania que, felizmente, o bom senso e a intuição do Povo repelirão.

Prometer o que não se pode dar é um agravo; faltar à palavra dada é ignóbil. Mais do que expressões ocas de teor, interessam actos fecundos. Servir o Povo, sobretudo os mais pobres e desprovidos, é um dever. É uma questão de honra e de verdade. Que os exemplos de Egas Moniz e de D. João de Castro que os sacrificados e incompreendidos Professores Primários nos apresentavam como concretização real das virtudes da lealdade e da fidelidade à palavra dada, nos estimulem. Dirigir ou governar é um compromisso de serviço e de dedicação aos Outros, no respeito pela Verdade e pela Justiça.

Vamos todos servir, no verdadeiro sentido do termo, sem sofismas ou segundos sentidos, honrando a palavra dada. Lembremo-nos, todavia, de que não somos senhores e os outros vassallos ou escravos para lhes impormos arbitrariamente os nossos esquemas mentais, menosprezando a sua vontade. E os cristãos, nesta matéria, como em tudo, que se lembrem do exemplo do seu único e verdadeiro Mestre, que não veio para ser servido mas para servir.

## CARTA de LOURENÇO MARQUES

Aproveito para mandar as minhas saudações a todos os que trabalham no Jornal e na Tipografia, desde o Se Julho até ao «Spínola».

As nossas notícias ainda não nasceram. As que houver, e espero que brevemente, ou serão as últimas ou as primeiras de uma nova etapa nesta República Popular de Moçambique.

A necessidade de umas ou outras tem sido um martírio lento e por isso o momento é de grande esperança, pois sempre foi intenção e vontade de quantos para aqui viemos ajudar a construir um Moçambique novo.

Deus é Providência!

Padre José Maria

## Inquietação Sacerdotal

«Pensei hoje mesmo escrever-lhe embora o tenha andado para fazer há mais tempo. Na realidade não há motivos, apenas sim dialogar um pouco, pois há muito tempo que nos mantemos afastados, embora eu continue a seguir de perto o grande testemunho evangélico que a Obra da Rua continua a dar, sobretudo a esta sociedade tão insensível ao testemunho do Amor.

Isto demonstra quanto eu ainda sinto pela Obra da Rua, isto é, a minha admiração por todos aqueles que desinteressadamente prestam um autêntico serviço à sociedade e, simultaneamente, dão o maior testemunho que Cristo nos legou: amar com amor.

Na realidade, foi o testemunho destas pessoas desinteressadas, que me levou a corresponder ao chamamento d'Aquele que deu o maior testemunho de amor — Cristo — e estou disposto a arriscar tudo até ao fim por esse mesmo Cristo. Por isso, nessa linha me estou preparando para o Sacerdócio e, neste caso, Mis-

sionário, esperando para o próximo ano lectivo cursar o 7.º ano do Liceu.

É meu grande desejo transmitir este Libertador aos jovens, aqueles que andam desorientados e não encontram algo que dê verdadeiramente sentido à sua vida. E, quem sabe?, talvez até na Obra da Rua haja jovens que não se sintam compreendidos ou cuja sua vida não tem sentido, pois eu hoje sinto que é a estes que eu devo dar o melhor daquilo que tenho, que é a minha juventude. Em síntese, a minha vida para que os jovens encontrem em Cristo não um libertador político, mas Aquele que consegue libertar-nos das nossas limitações.

Perdoe-me este tempo que talvez lhe tenha tirado; mas, como já somos amigos, pensei que poderia esta carta reforçar a mesma amizade. Assim, unido na oração e no empenho pelo serviço aos Outros, espero, também, ajudado pela sua oração, um dia comprometer-me com Cristo, com a Igreja e, quem sabe?, com a Obra da Rua...»



A Escola e a Capela emolduradas de verdura. Que linda perspectiva da nossa Aldeia de Paço de Sousa!

# PELAS CASAS DO GAIATO

## SETÚBAL

O TRABALHO — O trabalho é a grande fonte de receita que alimenta a nossa Casa.

O trabalho é fruto de todos quantos formam esta Casa. Todos!, desde o «Modestito» até ao João «Bonanza». O «Modestito» tem 5 anos e contribui com o seu trabalho de varrer as ruas; o João «Bonanza» já cumpriu o serviço militar e ocupa-se dos transportes em nossa camioneta. Todos os dias se pode ver o João «Bonanza» transportando os rapazes que trabalham nas oficinas de serralharia, carpintaria e tipografia. Agora, que é tempo de férias, ele leva os vários rapazes para a praia de Galápos, onde os vai buscar à tardinha.

Todos trabalham e porque somos uma família que anda na roda dos cento e trinta, mau seria que uns trabalhassem e outros não. No entanto, há quem trabalhe mais e quem trabalhe menos; há quem trabalhe muito e seja apontado de pouco fazer... É fácil ver que o trabalho de um empregado de escritório é muito mais limpo que o de um serralheiro, mas isso não é razão para se dizer que o que realiza trabalho mais sujo seja mais trabalhador do que o que realiza trabalho limpo e delicado.

Em nossa Casa do campo, podemos ver os verdes canteiros do arroz, os campos tristes e secos que foram o batatal, as hortas onde abundam variadas verduras. Tudo isto é trabalho do rapaz que foi deitado à rua, é trabalho do rapaz que certamente foi desprezado por muitos, mas que a Obra de Pai Américo (Casa do Gaiato) lhe estendeu a mão e ofereceu uma infinidade de possibilidades para se formar e vencer na vida.

As Casas do Gaiato vivem do trabalho de quantos as estruturam e das várias ajudas de muitas pessoas. Por isso, todo o rapaz deve ter em si o dever de trabalhar para comer o que tiver ganho. Todo o rapaz deve ter em si a frase que Deus disse: «Comerás o pão com o suor do teu rosto».

Isto não é só para o rapaz da Casa do Gaiato ou para o jovem; isto é para todos, velhos e novos, por que se assim não for, deve-se empregar o sistema do velho ditado: «Quem não trabalha não come».

É fácil reconhecer que raramente se vê um filme sobre o trabalho. Porquê?... Porque o verdadeiro trabalho não cabe nos filmes, ou melhor no trabalho não há matéria para fazer filmes. Além disso, sabe-se que quando na apresentação de um filme atractivo se mostram algumas imagens sobre o trabalho, logo se ouvem exclamações de enfarto. Isto porque o trabalho é assunto sério. É assunto que se vê na vida real e perfeitamente humana. É assunto que se não pode destruir nem esquecer com um sorriso sarcástico.

Tudo o que trabalha sabe que todas as manhãs o trabalho o espera, seja árduo ou fácil, seja alegre ou triste. Todo o que trabalha sabe que seu trabalho reverte para o bem de todos os que formam esta grande

Comunidade. Deste modo, todo o trabalho é uma maneira de tomar parte na Comunidade, não só pela cooperação em grupo, mas também pela natureza do trabalho.

O simples toque no interruptor da luz, faz com que, estando a sala repleta de escuridão, tudo seja claro e visível. Isto é uma maneira simplicíssima de formar Comunidade. Isto é trabalho, embora simples e sem necessidade de esforço. É trabalho!

FUTEBOL — O nosso «onze» há muito que não entra em acção.

Durante o mês de Abril tivemos sempre os domingos ocupados em defrontar outras equipas que nos convidavam. Por sorte, nunca fomos derrotados. Desde então, pouco temos jogado... Será porque o tempo já não é nada próprio a jogos de futebol? Ou será que têm receio de nos defrontar?

Imenso prazer teremos em receber convites de quem esteja interessado em nos defrontar.

## «PERDOA, SENHOR!»

Sinto-me só,  
Perdido neste mundo de ignorância  
Que vive no desespero da guerra.  
Rouxinóis cantam à distância.  
Sinto-me só,  
Bendizendo o Criador da Terra.  
Vivo perdido neste mundo descontente,  
Neste mundo de choros e lamentações,  
Neste mundo de vida e de morte.  
Corpo morto, coração ardente,  
Fruto de inveja e traições,  
Morto p'la mesma sorte.  
E porquê a guerra?  
Porquê o derrame de sangue inocente?  
Porquê, Deus meu...?  
Peço: lança Tua Luz na Terra,  
Ajuda o padecente,  
E castiga-me  
Se o culpado sou eu.  
Dúvidas, não as tenho, Senhor.  
Com mãos nuas, cavo a terra,  
Procurando amor.  
Mas é sempre em vão,  
Que procuro amor para meu Irmão.  
Fico pensando no silêncio da rua,  
Na criança que chora desamparada,  
Mas sei que o silêncio  
Não vale nada.  
Mas logo oiço o ribombar do trovão  
E tudo em mim morre,  
Tudo deixa de ter vida,  
De esperança perdida,  
Caída no chão.

João Maria

## Azurara

Uma vez mais fui o responsável de um turno de 30 crianças que se deslocaram à bonita praia de Azurara para gozarem férias durante três semanas.

Tudo decorreu com muita naturalidade. As vezes era preciso um pouco mais de paciência para atender e determinar os problemas inerentes às crianças que, efectivamente, se criam dia após dia.

Fomos infelizes quanto a doenças e aleijados. Durante uma semana

praticamente corremos para o Hospital de Vila do Conde uma porção de vezes. Uma Irmãzinha que lá se encontra de serviço socorreu-nos muito pronta e carinhosamente.

O senhor que, como é tradição, todos os anos oferece 25 latas de conservas enlatadas a cada turno, não nos esqueceu. Obrigado!

Ao meio das férias vimo-nos com um grave problema: a água do nosso poço faltou! Todavia, consumimos água necessária de casa de pessoas amigas da Obra que residem perto.

Mais tarde a bomba do nosso poço veio a ser consertada gratuitamente por um senhor — amigo da Obra.

Estes foram os factos mais importantes do nosso turno.

Agora vão falar-vos alguns dos meus pequenos acerca do nosso turno.

Despeço-me com um grande abraço para todos vós.

Manuel Amândio

É a terceira vez que vos escrevo e a segunda que vos falo a respeito da nossa Colónia de Férias de Azurara.

As minhas férias foram em geral muito boas, óptimas em tudo; no banho, no comer, na ordem das facinhas, etc.

A respeito dos chefes não tenho nada a dizer. Sei que eles foram para mim óptimos.

Tomei bons banhos naquelas águas fresquinhas e salgadas que em mim me fizeram imenso bem, embora eu não note. Mas isso agora não conta. O que está para breve é despedir-me de todos com um grande abraço.

Fernando Torres

É a primeira vez que eu estou a escrever para o nosso jornal «O Gaiato», com uma crónica do nosso turno, passado em Azurara — Vila do Conde.

Vou começar por dizer que passámos um turno muito bom. Os nossos cozinheiros foram o Marinho e o Rogélio e comemos muito bem porque eles faziam bom comer.

Os nossos chefes foram o Manel e o Quim, que também foram bons para nós. Levaram-nos ao cinema no sábado ver os «Dois pilotos mais malucos do mundo», as caras cómicas que faziam rir e gostámos muito de ver. Também na quinta-feira fomos representar umas peças ao Parque de Campismo e toda a gente gostou muito. Também tomámos banhos de água e de sol.

Aos domingos, o sr. Pe. Carlos vinha cá celebrar a Missa para todos nós.

Estavam também connosco, numa outra casa ao lado, o Júlio Mendes e a mulher e os filhos; e também a sr.<sup>a</sup> D. Virgínia que foi ela que nos ensaiou e ajudou. Tivemos no fim do nosso turno um jantar de confraternização e cantos, anedotas, etc.

Por agora não tenho mais nada a dizer. Vai aqui um grande abraço para os nossos estimados leitores.

«Salsichas»

Escrevo da praia de Azurara. Fui do 2.º turno e gostei muito destes dias passados na praia. Gozámos a

beleza do mar, descansámos dos nossos trabalhos e recebemos o iodo para o nosso organismo. Fizemos à nossa conta os trabalhos da limpeza da casa. A cozinha esteve entregue ao Marinho e Rogélio que se portaram à altura. Os nossos chefes, «Fidalgo» e «Bombeiro», foram os responsáveis. A eles muito devemos. Também ao casal Júlio Mendes e aos seus que nos ajudaram com a sua boa companhia e mais a sr.<sup>a</sup> D. Virgínia que fez parte do nosso turno e fez coisas boas.

No final tivemos a nossa festa com jantar melhorado: caldo verde, bifes de cebolada, rabanadas e bolo de bolachas. No fim, muitas anedotas, canções, palmas e alegria.

Para vós, queridos leitores, desejamos também boas férias

«Pragana»

## Menina dos olhos tristes

Menina dos olhos tristes,  
Para onde vai o teu olhar?  
Não chores! Canta baixinho  
Uma canção de embalar.

Menina dos olhos tristes,  
Porque preferes estar aqui?  
Foi-se o sol. Amanhã volta  
com notícias para ti.

Menina dos olhos tristes,  
Porque não queres falar?  
Vem; colhe com teu balde  
As ondas verdes do mar.

Menina dos olhos tristes,  
Em que estás tu a pensar?  
O teu olhar pousa longe  
Mas não passa do alto mar.

Menina dos olhos tristes,  
Que é da paz no coração?  
Teu rosto é todo meiguice  
Tua vida é solidão.

Menina dos olhos tristes,  
Porque estás tu a chorar?  
Teu amigo o vento norte  
Anda longe sobre o mar.

Menina dos olhos tristes,  
Porquê para mim esse olhar?  
Teu cabelo são da cor  
Das noites frias sem luar.

Manuel Amândio

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

CAIXAS — A pobre Viúva abor-da-nos outra vez. Aflita e com razão! Trocámos, há meses, correspondência com duas Caixas, ditas de Previdência (!), para ela receber benefícios a que tem direito: subsídio do funeral do marido e abonos de família.

Sucessivamente, uma Caixa empurra-nos para outra, e vice-versa, por deficiente registo de dados na última para onde ele desontara.

«Cowboiadas» em assuntos muito sérios!

Não estivemos com meias tintas. «A verdade é revolucionária.» Constatámos áspere e delicadamente — com depoimentos irrefutáveis — o impasse motivado pelo jogo-do-empurra.

Aguardemos...

Porque não resolvem as instituições o diferendo entre si?

No meio de tudo isto não surgiu idêntico problema com a Caixa Nacional de Pensões!

Triste realidade: neste País, e no ano de 1975, continua a não haver escríptulo de se defraudar moral e materialmente os pagantes do Seguro Social!

Afinal, onde estão os defensores dos Trabalhadores, dos Pobres, dos Oprimidos?!

Para maior vergonha — pelo menos enquanto o assunto não ficar arrumado e como aliás temos feito a outras — partilhamos com esta Viúva o indispensável à manutenção da sua prole.

E não tem sido pouco!

TUBERCULOSE — Ele é carteiro. Melhor, CPS (jornaleiro ou eventual) dos CTT há quatro anos, aguardando há muito colocação no quadro efectivo.

Há cerca de seis meses doente dos pulmões, hoje, aparece debilhado, com a mulher e um dos filhos ao colo!

O subsídio de doença foi mingando, progressivamente. Em Julho só recebeu 39\$00 e disse adeus ao abono de família!

Um extracto do recibo dos CTT:

«Recebi da Agência do Banco de Portugal... a quantia de trinta e nove escudos, importância líquida dos meus vencimentos do mês de Julho de 1975, na qualidade de CPS e correspondendo à diferença entre a totalidade ilíquida de trezentos e noventa e oito escudos e a dos descontos, trezentos e cinquenta e nove escudos, conforme discriminação no verso deste recibo...»

Vencimentos e outros abonos:

Categoria . . . . . 398\$00

Descontos:

Imposto de selo . . . . . 1\$00

Assistência aos Funcionários Tuberculosos . . . . . 25\$00

Caixa Geral de Aposentações . . . . . 25\$00

Quota Montepio S. Estado . . . . . 4\$00

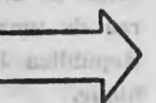
Centro de Assistência . . . . . 298\$00

F. D. . . . . 6\$00 359\$00

Líquido a receber . . . . . 39\$00

— Vejá lá, desabafa o pobre CPS, já somos seis pessoas e a minha doença sete...! Estamos a passar muito mal. Acuda-nos!...

— Pode lá ser uma coisa destas, num tempo destes...?!



# Novos Assinantes de «O GAIATO»

A procissão de novos Assinantes de «O GAIATO» engrossa as fileiras!

## OPINIÃO DOS LETTORES

Hoje, além da opinião dos Leitores — à qual damos sempre o devido relevo, já que o jornal faz o Leitor e vice-versa — não podemos deixar de assinalar o crescente número dos que se inscrevem directamente, pelo seu próprio punho, motivados ou não por terceiros. Como este, do Porto:

«Há muito que sou comprador avulso, mas prefiro receber «O GAIATO» em casa, não por questão de comodidade, mas sim pelo motivo de ser viajante e nem sempre o encontrar à venda.

Desta maneira resolvo o problema com satisfação para ambas as partes.

Não sei se chegará essa importância (100\$00), o que para isso gostaria que me informas-

Fizemos uma prospecção para nos inteirarmos, com verdade, do regulamento e dos benefícios ou prejuízos que deviam ser conhecidos de cor e saltado — pelos interessados.

Até que, por fim, abordámos o chefe da estação onde o tuberculoso trabalha(ou).

— Estou aqui há pouco tempo — esclareça. O que ele deve fazer, já, é apresentar-se no Centro de Assistência, do Porto, onde F. resolverá o problema...

No dia seguinte, antes de seguir viagem e aliviado de encargos — graças à partilha dos nossos Leitores — traz outro bem doloroso: por não haver liquidado até 8 de Agosto o aluguer da casa do mês de Julho(!), o senhorio obriga-o, por lei, a pagar o triplo: 1.050\$00!! De contrário, procederá a uma acção de despejo!!!

Vamos ter de arrumar mais esta desumanidade?!

No meio de tanta revolucionarite, de tantos revolucionários (que, às vezes, matam a própria Declaração Universal dos Direitos do Homem!) esta velha cláusula contratual, expressa na lei, é uma exorbitância!

Onde estão, afinal, os defensores dos Trabalhadores, dos Pobres, dos Oprimidos?!

MÃOS DADAS — A presença dos nossos Leitores está sempre na proporção das necessidades dos Pobres — a quem damos a mão sem paternalismo.

De Lisboa, 100\$00, «migalhinha para uma necessidade urgente da Conferência. Mas isto é quase pedir-vos que façais morceias sem sangue... (!). De modo que... aí vai o que de momento posso, com a certeza de que usareis o critério certo. O resto é com o Pai do Céu em que todos confiamos e a Quem nos confiamos».

Testemunho de vida, testemunho de fé!

Mais 500\$00 da assinante 31715, do Porto, «destinados ao caseiro e respectiva família». O mesmo, tam-

sem as condições é o que mais for necessário para tal fim...»

E estoutro de Matosinhos:

«É raro ler «O GAIATO». Mas, no domingo passado, li no vosso jornal umas palavras que muito me chocaram e sensibilizaram. Como é possível haver pessoas neste mundo ignóbil, hediondo e ao mesmo tempo maravilhoso e encantador, que só sabem criticar e pôr de rastos as Obras boas...?»

Digo pessoas mais ou menos boas porque bom é só Deus.

Em primeiro lugar quero ser assinante de «O GAIATO». Em segundo lugar, mando uma pequena lembrança... que agradeço não mencionem o meu nome nem me agradeçam pois os Correios custam dinheiro.

Próssigam na vossa boa Obra, mas com mais ânimo, mais vigor e mais força e não caiam no desânimo, não percam a coragem, porque os tempos que se avizinham vão ser muito difíceis, mas para quem

bém do Porto, rua Ribeiro de Sousa. O dobro de Alcobaca. «Uma figueirense» com 50\$00.

Ouçamos:

«(...) Como os meus problemas de saúde não me permitem exercer a habitual actividade profissional — estou já a receber a pensão de invalidez, apesar dos meus 40 anos! — não posso ficar indiferente aos dramas vividos por muitos Irmãos nossos e alguns relatados pelo nosso querido jornal «O GAIATO». Para os Pobres, remeto, pois, um cheque de 200\$00...»

Um grande amigo, residente no Rio de Janeiro, procurou-nos. Não estávamos. Deixou mais um contributo. Aqui vai o abraço que não pôde ser. E até sempre!

Covilhã:

«(...) Junto a pequena importância de 500\$00 para ajudar um pouco as dificuldades dos Pobres. Que Deus vos ajude e ajude a todos os homens de boa vontade, desta nossa terra tão atribulada. É esse o esforço que faço todos os dias. Rezar, ajudar as pessoas em todos os aspectos e confiar no Senhor...»

Mais 50\$00, «em acção de graças», pela mão de uma anónima, do Porto. O dobro «por alma de minha Mãe e de meu Marido». E, de 1.000\$00, «uma parcela para a Conferência, com o pedido de orações pelo meu marido que perdeu a fé e é por isso para mim motivo de grande preocupação». Mais 200\$00, do nosso Rufino: «Guarda; é para a Conferência». Um assinante de Milheirós com 200\$00 «muito silenciosos».

Ermesinde:

«Com um grande abraço venho enviar um cheque de 500\$00 (enquanto o dinheiro serve para alguma coisa) para minorar o sofrimento de novos Pobres que estão a ser atirados para a nova sociedade (pobre sociedade) onde o desemprego vai

vive na Obra estas palavras não solucionam os problemas, mas confortam...»

A Família tem sido — e continuará a ser se Deus quiser — um grande alforde de novos Assinantes. Muitos Amigos, hoje homens, começaram a ler «O GAIATO» como testemunham da Amadora:

«O motivo porque escrevo é o seguinte: Tenho duas sobrinhas pequenas. Outro dia, falando de «O GAIATO» elas mostraram vontade de ser assinantes. Porém, as Mães não lhes deram saída! E como eu aprecio muito essa Obra, gesto que também elas apreciem. Por isso, ofereço uma assinatura a cada uma...»

Agora, notícias de Cinfães:

«Tenho-me esquecido de enviar os endereços de cinco assinantes que angariei, entre os visitantes da nossa excursão de há semanas!

ser (é já) nova chaga que fará sangrar muitos corações pela fome que irão passar os filhos desses novos Pobres.»

O costume costumado da assinante 17740. De Niza, 500\$00 «para a pessoa mais necessitada da Conferência. É favor não agradecer...»

Ó legenda!

Mais 20\$00 da rua Alexandre Herculano, Lisboa. Cinco vezes mais da assinante 17022, de Portalegre. Alhandra, 40\$00 e uma carta muito simpática.

Lisboa:

«Recebi hoje o nosso jornal que, como sempre, leio de «fio a pavio» como soi dizer-se. Nele encontro sempre farto repasto para a alma e, não raro, ocasião de cumprir o preceito evangélico da caridade fraterna em N. S. J. C. — «tudo o que fizerdes a um destes pequeninos...»

Pois, como é frequente, mais uma vez me fornece ensejo de dar uma pequena ajuda à Pobre que pretende viver em condições um pouco mais humanas. É o caso da Viúva que já criou «filhos da Roda» e pretende fazer uma ligeira melhoria na sua habitação. Deveria ser função das instâncias oficiais acorrer a casos destes, mas não se passa do paleio dos demagogos e isso não resolve nada, pois o que se quer são «res, non verba».

Por isso e enquanto não se pagar um imposto para fazer bem, junto um cheque de 2.500\$00 para ajuda da obra da Viúva, para quem peço a protecção de Deus.

Agradeço uma oração pela nossa Pátria e por minhas filhas Maria Cristina e Maria Mafalda...»

Mais 200\$00 da R. Moraes Soares — Lisboa. Quatro notas grandes da Av. Fernão de Magalhães — Porto. E 900\$00 da assinante 25205.

É tudo!

Júlio Mendes

E Mem Martins:

«Pela leitura de «O GAIATO» verifico que, infelizmente, pessoas como eu há muitas, pois nas transcrições que o jornal faz de cartas de assinantes, muitas há que começam por um «mea culpa» a propósito dos propósitos, sempre adiados, de escreverem, porem as contas em dia, etc.

Portanto, não vou repetir essas desculpas.

(...) Envio um cheque de uma pequena importância e que se destina à assinatura de uma nova assinante que sempre comprou «O GAIATO» mas se encontra agora internada em um Lar por ser só e estar parálitica...»

## MAIS PRESENCAS

Resumindo, temos ainda mais Assinantes de S. Mamede de Infesta, Marmeleiro, Caxias, S. Brás de Alportel, Ponte da Barca, Oliveira do Douro, S. Pedro do Estoril, Bucelas, Valongo, um grupo de Monção e outro de Ovar, Samora Correia, Sacavém, Pinheiro de Loures, Almada, Setúbal, Vermoil, Vila Nova de Gaia, Lourinhã, Rio Tinto, Guia (Pombal), Oeiras, Bragança, Coimbra. Porto e Lisboa a procissão do costume. Mais Lourenço Marques, Barcelona (Espanha) e Overbruck (Alemanha).

Júlio Mendes

## RETALHOS DE VIDA

# Zé Domingos



Chamo-me José Domingos Bruno Pinheiro. Sou transmontano, de Chaves.

Era de tenra idade quando me faltaram os pais, que foram vítimas de doenças incuráveis.

Comigo ficaram mais quatro irmãos. Somos dois rapazes e três meninas.

Depois de meu pai falecer (a minha mãe tinha falecido um ano atrás) ficámos todos em nossa casa.

Eu era o mais velho, tinha então 8 anos. A minha irmãzita mais nova tinha meses que ainda não chegavam a completar um ano.

Comecei por cuidar deles. Fazia o comer e outras coisas mais.

Uma nossa tia religiosa que estava no Couto de Cucujães, logó que tomou conhecimento do caso, pediu ao sr. Pe. Horácio para irmos para a Casa de Miranda do Corvo, eu e o Tomané. As três meninas foram doadas a três famílias.

Após dois meses de Casa, comecei a vender o jornal «O Gaiato» e, ao mesmo tempo, fazia a 4.ª classe.

Comecei por Coimbra, onde estive a vender durante um ano. Em eleições livres fui escolhido para vender em Leiria.

Nesta cidade fui vendedor cerca de 6 anos. Escusado será dizer que durante a minha andança na cidade do Liz, arranjei muitos amigos. Gostei muito de vender o jornal. Só no último ano é que já me custava um bocadinho, pois já tinha 17 anos.

Saí há cerca de um ano. Mas ainda conservo e conservarei a minha saca de «O Gaiato» e um grande número de amigos que por lá deixei.

Feita a 4.ª classe, fui estudar para Coimbra. Fiz o 5.º ano do Liceu. Logo ingressei na Escola do Magistério. Este ano fiz o 1.º ano. Ao mesmo tempo que frequentava a Escola, com muito esforço e dedicação propus-me a exame de três cadeiras do 7.º ano. Estou agora à espera dos resultados.

Tenho uma grande paixão pela pintura e queria realmente ingressar na Escola das Belas Artes, mas vai demorar muito tempo com certeza e, então, o curso do Magistério vai ajudar-me muito até lá.

Zé Domingos

Palavras, palavras, palavras... cansam os nossos ouvidos e angustiam os nossos corações.

Já se disse tudo quanto era mister dizer. Há entre dizer e ser consequente um abismo que a loucura dos homens cava e as suas paixões malsãs afundam.

Onde a justiça?, onde o amor?, onde a paz?!

Cristo é o Mestre da Paz. «Dou-vos a Paz. Deixo-vos a Minha Paz.» «A Minha Paz não é como a que o Mundo dá.»

Pois não é — e a vida o demonstra! Desde que a História fala, nos fala de tensões e de lutas entre os homens, de lutas que nunca conduziram à paz, mas a novas tensões e a renovadas lutas, sempre mais cruéis, mais desumanas.

Nunca a paz entre os homens resultará da guerra. O único caminho para a paz entre eles é a busca sincera da paz em cada homem — e essa sim, pela vigilância permanente, pelo domínio perseverante das más paixões sempre prestes a emergir no coração do Homem, rebeldes à sua inteligência e vontade, como as ervas daninhas que ninguém semeia nem quer e brotam incessantemente da terra a que se pede o pão.

Guetra, sim, em cada homem, para que não haja guerra entre os homens. Vigilância perene e decisão enérgica para calar a reacção que sempre se esboça no íntimo de cada um de nós. Este é o homem da Paz o que escolhe ser irmão e não lobo, sem, ingenuamente, se acreditar capaz de destruir definitivamente o lobo, companheiro até à morte, sempre à espreita da oportunidade para investir.

Este é o homem da Paz, o pacífico em si mesmo, porque

# Notas do Tempo

na luta que trava, experimenta a aliança de um Deus que é Pai e Se tornou Irmão em Cristo para sanar no homem o mal congénito da Humanidade. A vida do discípulo é luta, mas ele conhece o sabor da Paz, que lhe não vem do Mundo, nem da Humanidade, mas do Senhor que no-la deixou como suprema herança, que no-la dá como autêntica medicina ao longo dos nossos dias. Cristo é o Mestre da Paz! E o Evangelho o fundamento de um Código possível de Justiça e Amor. Cristo, o Verbo de Deus, a Palavra, de Quem, se as palavras não forem, são vãs.

Tão sóbrio delas é o Evangelho, porque palavras de Vida e a Vida não se desperdiça — é quanto basta. Palavras para bom entendedor... «Quem tiver ouvidos de ouvir, ouça.»

Cristo não Se impõe, oferece-Se.

Pobre do Mundo que tão pouco O aceita, tão mal O recebe!

Quem procura nesta omissão o sintoma dos males que avassalam o Mundo?

Entretanto, palavras, palavras, palavras... que ferem os ouvidos, agravam a inteligência, magoam os corações... e mais nada!

x x x

Os Novos Pobres. É verdade. E a onda ainda se está formando... O que será quando ela rebentar na praia?!

Um dos nossos, tractorista na Câmara de Luanda há de-

zassete ou dezoito anos. Quanto daquela soberba cidade não foi rasgado também por ele. Lá lhe nasceram os três filhos. Lá seriam os seus últimos dias. Com suas economias e o sacrifício de uma graciosa, empenhando o que deixou de gastar e o seu esforço, aliado ao de alguns amigos, construiu sua casinha. Rés-do-chão com três quartos, sala, cozinha e quarto de banho. No pequenino quintal, uma loja de arrumos e oficina das horas vagas. Tudo modesto. Tudo digno. Eu vi. Era a sua riqueza, o fruto da «exploração»... das suas próprias forças ao longo de dúzia e meia de anos. Hoje nada: nem casa, nem mobílias nem economias... nada. Três filhos a criar, uma vida a re-

começar de zero depois dos quarenta anos — eis tudo o que lhe sobrou. Escreve magoado e aflito. São tantos da mesma sorte!

Esta manhã o correio trouxe-nos carta de outro recém-chegado.

«Venho por meio desta pedir-lhe a favor de não se esquecer do meu pedido de casa para eu viver. Se não for cá em Coimbra, seja aonde for, nós não escolhemos sítio. O que interessa é uma casa para vivermos e, se tivermos de pagar alguma coisa, que não seja muito, pois eu encontro-me nas mesmas condições de vida e a minha mulher sem ter aonde trabalhar, por isso está a ver as condições em que nos encontramos.»

## EM DISTRIBUIÇÃO

# «O LODO E AS ESTRELAS»

«O LODO E AS ESTRELAS» — após 15 anos de silêncio forjado — está na rua em segunda edição, aumentada. E a maior parte do nosso correio são ressonâncias da obra, quais luzeiros de espiritualidade e fraternidade cristãs! Ressonâncias, esmagadoras!!

Velho amigo de Cabeceiras de Basto:

«Se todos lessem «O LODO E AS ESTRELAS», que não tem o estilo do nosso querido Pai Américo, mas contém verdades como punhos, talvez o Mundo tivesse melhorado — como Jesus Cristo quer...»

Alcobaça:

«Segue por este mesmo correio um vale para aquisição de dois exemplares de «O LODO E AS ESTRELAS». É um para mim, outro para dar.

Acabei de ler o livro, que me foi emprestado, e sinto que é dever de consciência cristã e de sensibilidade poética espalhar livros destes pelas mãos de muita gente. Os homens mostram-se receptivos ao problema da opressão do homem pelo homem, mas esquecem os caminhos de Amor para acabar com ela. O Padre Telmo aponta-os em cada página, em cada linha...»

Coimbra:

«Recebi, cheia de alegria, «O LODO E AS ESTRELAS», que muito agradeço.

Não calculam como me fazem bem os vossos livros, verdadeiras páginas de vida, que me habituei a transformar em livros de cabeceira...»

Pai Américo não sonhou as casas do Património dos Pobres para os seus filhos. A estes procurou dar-lhes asas para que as tivessem por si — e eles lá iam.

Aqui, temos falado ultimamente na conversão de muitas casas do Património por esse País além em moradias de renda resolúvel, a adquirir por quem lá mora, hoje não carecido do benefício de casa gratuita.

Pois estamos vendo que temos de mudar de orientação e voltar por aí fora, não já «cortando cheques» para que «as Paróquias acudam aos seus Pobres», como Pai Américo dizia e tantas vezes fez alegremente, mas a mendigar uma casinha para os espoleados que nos batem à porta com sua prece tão urgente, tão digna de atendimento e tão difícil de atender.

Padre Carlos

# O AMOR não tem fronteiras

Liisa Villumäe nasceu na Estónia quando ali era uma Pátria. Perseguida pelo nazismo, terçou a arma do amor. Foi o seu despique, a sua vingança.

Não sei como veio até Portugal; tampouco me lembro de como se relacionou com as Casas do Gaiato. De conhecer-nos a amar-nos foi um passo.

Sem voltar a Portugal há longos anos (e era esta a sua maior ambição) consagrou a sua vida aos homens com problemas e entre estes os portugueses emigrantes na Alemanha e no Nordeste europeu. Quantos não serão suas testemunhas, testemunhas de um Anjo bom que encontraram na vida, que lhes votara a sua vida.

Apesar da idade avançada, uma vez que o espírito lhe não envelhecera, trabalhou, in-

clusivamente em tarefas servis, com que pôde angariar meios para atenuar situações difíceis.

Desses trabalhos falam muitas remessas de coroas suecas, de marcos alemães que aqui vinham ter, volta e meia, fruto do seu amor, da sua necessidade de colaborar em obras, em verdade.

Em Julho passado recebemos a sua última mensagem, com letra muito trémula e o pensamento também, a denunciar o fim que se avizinhava e o amor que perseveraria até ao derradeiro instante.

Escreveu-nos há dias uma sua filha. Não percebemos uma letra de alemão, mas adivinhámos logo a mensagem: «Aos 92 anos, em Kiel, minha mãe partiu...»

Se o amor não sofre o limite de fronteiras na Terra, quanto livre não é entre a Terra e o Céu!

LÁ vive Liisa Villumäe, uma grande Amiga, que guardamos para sempre no nosso coração.

Padre Carlos

Lisboa:

«O LODO E AS ESTRELAS» é um precioso conjunto de pequenas aguarelas que, à boa maneira impressionista, nos dão a imagem de uma sociedade em que a Lama entristece a alma mas a luz fulge, acima dela, apontando o caminho da Esperança cristã.

Oxalá que ele fosse lido por tantos que por aí abundam em palavras sobre o «social» mas são duma pobreza extrema em obras; encontrariam nele bastos motivos de inspiração...»

Santa Cruz do Douro:

«Fomos a casa e topámos lá com o último «O GAIATO» e «O LODO E AS ESTRELAS»! Este foi nosso companheiro de viagem. Por mim, está quase lido. É de facto uma maravilha. Graças a Deus que viu a luz do dia...»

Que dom ver assim os homens projectados em Deus — e ver a criação em tanta beleza! E depois saber expressá-lo em tão curtas frases, tão equilibradas e tão resumidas — mas com tanta riqueza!...»

E o que fica por transcrever!! Daremos nota em próxima edição.

Júlio Mendes



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T.A.P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE